



MAIS DE 24 MIL QUELÔNIOS FORAM DEVOLVIDOS À NATUREZA EM TERRA SANTA

● Por Adrielle Lopes Sauhzo

Há 22 anos, o sentimento de dever cumprido é compartilhado por comunitários, voluntários e profissionais que participam da soltura de quelônios nos rios da Amazônia. Ao longo desses anos, esta iniciativa de conservação ambiental já realizou a soltura de mais de 6 milhões de filhotes.

“Acho bonita essa atitude da preservação das espécies. É muito gratificante e com certeza, daqui a algum tempo, nossos filhos, netos, bisnetos e tataranetos vão ver este trabalho com carinho”, declarou Adelaide

Bentes, moradora de Terra Santa. No mês de fevereiro, esse sentimento foi renovado com a soltura de mais de 24 mil filhotes de tartarugas, tracajás e pitiús; 18 mil na Fazenda Aliança, no lago Piraruacá, e o restante em outras oito comunidades do município de Terra Santa.

Devolver os filhotes à natureza é um momento muito aguardado também pelos profissionais envolvidos. Ao longo de quatro meses, eles acompanham a reprodução dos filhotes - desde a desova, contagem das covas e dos ovos, passando pela vigia dos tabuleiros, até a soltura - e

trabalham para manter a conservação de diversas espécies. Para o mês de março, está prevista a soltura também nas comunidades de Oriximiná.

Maria de Jesus Pereira, agricultora e coletora de ovos, está desde o início no projeto Pé-de-Pincha. “Minhas filhas nasceram neste projeto. Os primeiros ovos vieram de outros municípios e hoje temos essa fartura. Já vemos muitos tracajás espalhados por aí”, disse.

Todos que desenvolvem o projeto Pé-de-Pincha, que faz parte do Programa de Educação Socioambiental da Mineração Rio do Norte (MRN), em atendimento à condicionante ambiental do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), comemoram esse resultado. Universidade Federal do Amazonas (UFAM), MRN, prefeituras, comunitários e demais parceiros.

“O mais gratificante desse trabalho é que ninguém faz nada sozinho. A MRN financia o projeto, por meio da Universidade Federal do Amazonas; a Prefeitura de Terra Santa fornece o apoio para toda fiscalização e logística interna; e os voluntários se dedicam e se doam para o projeto acontecer”, celebrou Jonas Pessoa, secretário de Meio Ambiente de Terra Santa.

“Acho bonita essa atitude da preservação das espécies. É muito gratificante e com certeza, daqui a algum tempo, nossos filhos, netos, bisnetos e tataranetos vão ver este trabalho com carinho”

Adelaide Bentes





“Quando eu fui selecionada, fiquei alegre, porque eu amo praticar esportes. A minha experiência com o projeto está sendo muito boa, mais do que eu esperava”

Letícia Bentes

Cartilha sobre sistemas agroflorestais auxilia nas atividades do campo

● Por Adrielle Lopes Sauhzo

O vínculo com a terra e a vontade de aprender já vem de longa data para a agricultora Suélen Gato, que também troca ensinamentos e dicas com seu pai, sobre como preparar sua propriedade para novas plantações. Esse aprendizado sobre sistemas agroflorestais (SAFs) pode ser encontrado, em detalhes e ilustrações, em uma cartilha criada para os moradores da comunidade Casinha, no Lago Sapucaá, onde ela vive, e também para outras comunidades locais que

trabalham com os SAFs.

Suélen foi uma das agricultoras que recebeu a cartilha, assim como diversas outras famílias, desenvolvida pela Mineração Rio do Norte e Florestas Engenharia, com um passo a passo sobre as atividades do campo. Com a cartilha, eles podem melhorar a sua produção e alcançar mais resultados, como aumento das vendas e da renda. A cartilha contribui para que o comunitário possa tirar dúvidas sobre o planejamento do plantio, produção de mudas,

manejo de poda, manutenção dos sistemas agroflorestais e adubação orgânica.

“A cartilha tem algumas instruções para a gente ler e complementa o conteúdo dos cursos e das pesquisas na internet. Achei que ela é de fácil entendimento e isso nos ajuda. Fiz também um curso de empreendedorismo, no projeto do SAFs. Esse curso, em especial, foi uma novidade para mim e foi o que me despertou interesse em participar do projeto e de outros cursos”, disse Suélen, lembrando a sua participação no projeto SAFs, que é parte do



ALUNOS DA REDE PÚBLICA RECEBEM UNIFORMES PARA PRÁTICAS ESPORTIVAS

● Por Adrielle Lopes Sauhzo

“É a primeira vez que participo do projeto. Agora eu tenho um kit para fazer os exercícios. O tamanho coube bem e ficou confortável. Quando eu fui selecionada, fiquei alegre, porque eu amo praticar esportes. A minha experiência com o projeto está sendo muito boa, mais do que eu esperava. Além de poder sair de casa, eu estarei em um lugar seguro e com o acompanhamento da professora, o que é muito bom”. A declaração de amor ao esporte e o sentimento de pertencimento é de Letícia Bentes, de 13 anos, moradora do município de Terra Santa e

uma das participantes do projeto Esporte na Cidade.

Ela é uma das 150 crianças e adolescentes que estão recebendo kits de uniformes para o uso durante suas práticas de esportes. Esse projeto de apoio à educação já ocorre há mais de 10 anos em Terra Santa, realizado pela Organização Social de Peito Aberto (DPA), por meio da Lei Federal de Incentivo ao Esporte. O patrocínio é da MRN e da White Martins, além do apoio da Prefeitura Municipal.

O projeto oferece materiais e um espaço para atividades

esportivas para alunos. Desde novembro de 2021, as aulas presenciais retornaram ao ginásio da cidade, onde os alunos podem praticar quatro tipos de atividades esportivas (futebol, vôlei, handebol e basquete). Todas as escolas da rede pública são beneficiadas com o projeto, no total de nove turmas, com alunos entre 07 e 17 anos.

“Hoje, as aulas ocorrem duas vezes por semana, com grupos de no máximo 20 pessoas. Cada turma pratica 45 minutos de esporte e outros 15 minutos são destinados à higienização do local e dos equipamentos. É uma forma de aliar conscientização, educação, sociabilização e saúde física. Nós seguimos todos os protocolos de segurança das escolas”, afirma Simone Rêgo, educadora física do Esporte na Cidade.



Programa de Educação Socioambiental (PES) da MRN.

Com a consultoria técnica da Florestas Engenharia, a cartilha foi criada como um guia às comunidades, contém um calendário anual com melhores períodos para o plantio de cada espécie, além de explicar sobre manutenção de sistemas agroflorestais. São apresentados, ainda, exemplos de SAFs para auxiliar os agricultores.



Com a cartilha, eles podem melhorar a sua produção e alcançar mais resultados, como aumento das vendas e da renda. A cartilha contribui para que o comunitário possa tirar dúvidas sobre o planejamento de plantio, produção de mudas, manejo de poda, manutenção dos sistemas agroflorestais e adubação orgânica.

Projeto de piscicultura gera renda e leva educação às comunidades

● Por Adrielle Lopes Sauhzo

A piscicultura, que é a criação de peixes, mudou a vida da dona Francisca Gomes, mais conhecida como Vovó Chiquinha, há mais de 12 anos. Ela vive na comunidade de Acapuzinho e faz parte do Projeto de Apoio à Piscicultura da MRN. “Eu fiz minha família acreditar no projeto e sonhar com ele. E quando o projeto chegou, a minha família já tinha sonhado com ele e acreditou que ia mudar a nossa vida. E mudou”, lembra, com um sorriso no rosto. Hoje, a criação de Tambaqui é uma das principais rendas de Vovó Chiquinha e sua família.

Ao redor do médio rio Trombetas, o projeto é executado desde 2002 pela MRN. Com apoio técnico da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em 2015, a empresa também passou a levar orientações para criação e venda de peixes. “Hoje, esse

projeto traz para nós segurança, uma nova vida, uma nova estabilidade. Quando não tínhamos a piscicultura, era tudo mais difícil para gente. A piscicultura significa mesa farta e vida social melhor”, descreve a piscicultora.

O projeto envolve as comunidades de Tarumã, Bacabal e Acapuzinho, e é mais uma das diversas ações de promoção da educação e apoio à geração de renda, que fazem parte do Programa de Educação Socioambiental (PES) da MRN, atuando na promoção da sustentabilidade ambiental das regiões onde opera, atendendo às condicionantes do IBAMA.



“O projeto gera conhecimento, renda e segurança alimentar para as famílias participantes e para as comunidades por proporcionar acesso à proteína de qualidade que é o peixe. Os piscicultores recebem treinamento em todas as etapas, desde a criação até a parte final, que é para venda”, Miguel Canto, técnico em Aquicultura da UFOPA.

“Hoje, esse projeto traz para nós segurança, uma nova vida, uma nova estabilidade. Quando não tínhamos a piscicultura, era tudo mais difícil para gente. A piscicultura significa mesa farta e vida melhor.

Francisca Gomes